



Entre Sonoridades e Corporeidades na Feira da Panair¹

João Gustavo KIENEN²
Lucyanne de Melo AFONSO³

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise na perspectiva do estudo sobre o corpo e corporeidade na feira da Panair. Realizou-se uma pesquisa de campo para averiguar as relações entre as sonoridades e as corporeidades que interagem no espaço-tempo da Feira. A contribuição das paisagens sonoras como elemento constitutivo da experiência humana com o corpo, com o espaço e com os outros homens estão avançando nos últimos tempos. A sonoridade e a corporeidade se moldam mutuamente num complexo social, representam, constroem, interferem, coadunam e reflexionam um sobre o outro gerando dinamicamente novas sonoridades e novos corpos a todo instante que se permanecem e se rompem no espaço social.

PALAVRAS-CHAVE: Sonoridades; Corporeidade; Manaus; Feira da Panair

1. Uma abordagem sobre os conceitos: corpo e sonoridade

O Corpo

O corpo é tema de estudo desde quando o homem percebeu o outro como diferente, quando se olharam e perceberam que não existe uma só cultura e estabeleceram as relações de poder entre as culturas e entre povos. Até hoje o diferente é “estranho”, é “exótico” a tudo que é diferente ao que adquirimos cultural e socialmente.

¹ Trabalho apresentado no GT 5 - CORPOREIDADE E PRÁTICAS CORPORAIS DOS POVOS TRADICIONAIS III Siscultura.

² Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. E-mail: gustavokienen@ufam.edu.br

³ Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. E-mail: lucyanneafonso@ufam.edu.br



O homem dispõe do mesmo corpo e dos mesmos recursos físicos que o homem do neolítico, do mesmo poder de resistência às vicissitudes de seu meio ambiente. Durante milênios e ainda hoje, em grande parte do mundo, os homens caminharam para ir de um lugar a outro, nadaram, consumiram-se na produção cotidiana dos bens necessários a seu prazer e à sua subsistência. A relação com o mundo era uma relação pelo corpo. (LE BRETON, 2003, p.20)

Mauss (1974) elucidou técnica, diante de seus estudos sobre natureza social, sobre estas questões que nos diferenciam a partir do olhar do outro. Compreendeu que o homem se distingue dos animais pela “transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral “ (p.407)

Este princípio o levou ao entendimento que lidando com as técnicas de corpo, apesar da transmissão oral é com o corpo que se apreende e recebe as informações necessárias para uma tradição cultural e social, toda comunicação e relação com o mundo é mediada pelo corpo.

A construção cognitiva de realidade é perpassada pela materialidade corporal. Não há aproximação ao mundo exterior sem o uso do corpo pela sua sensorialidade, que constrói o corpo a partir de um dado *a priori* biológico que é ressignificado e reconstruído dinamicamente na vivência pessoal durante a persistência social do ser que habita o corpo.

O corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo. Imediatamente, toda a imensa categoria daquilo que, em sociologia descritiva, eu classificava como “diversos” desaparece dessa rubrica e ganha forma e corpo: sabemos onde colocá-la. (MAUSS, 1974, p.407)

Partimos do corpo para estabelecer estas relações, o corpo representa a pessoa: nas sociedades ameríndias esta pessoa é constituída socialmente, o cotidiano social e cultural que determina a pessoa; nas sociedades ocidentais a pessoa é o ser individual dotado de moral, cidadania, espiritualidade e individualidade.

Não há dissociação entre corpo e sujeito, as representações de corpo formam a pessoa, são as suas próprias representações da pessoa: nossos limites, nossa relação com



a natureza e os outros. O corpo que revela quem é quem. De acordo com Le Breton (2006) “o corpo é socialmente construído, tanto nas suas ações sobre a cena coletiva quanto nas teorias que explicam seu funcionamento ou nas relações que mantem com o homem que encarna” (2006, p.26).

Corpo e pessoa não se distinguem, as matérias-primas que compõem a natureza que o cerca também estão presentes no corpo, “nessas concepções da pessoa, o homem não é separado do corpo, como normalmente considera o senso comum ocidental (LE BRETON, 2006, p.30).

Corpo e homem são indissociáveis e estas relações de sociabilidade são traçadas por gerações que manifestas como representações coletivas e simbólicas e construídas a partir do outro, da natureza e do cosmo.

O homem e o corpo são indissociáveis e, nas representações coletivas, os componentes da carne são misturados ao cosmo, à natureza, aos outros. A imagem do corpo é aqui a imagem em si, alimentada pelas matérias simbólicas que mantêm sua existência em outros lugares e que cruzam o homem através de uma fina trama de correspondências (LE BRETON, 2006, p.30)

O corpo está presente em toda prática social e cultural, ele transita em todas estas instâncias, carrega em si o campo simbólico cultural, do fazer e das ações, dos gestos e das gestualidades e demonstra a corporeidade do homem inserido em determinado espaço, tempo e lugar e nas diferentes situações da sua vida pessoal e coletiva.

A paisagem sonora

“O universo é nossa orquestra.” (SCHAFER, 1991, p. 193)

Considerar o Universo como a nova orquestra se fundamenta na gama de concepções contemporâneas de perspectiva holística que partem das escutas criadoras, agindo esteticamente sobre as paisagens sonoras. É uma transformação epistêmica no sistema simbólico operativo do fato sonoro.

Música para sê-la depende de ser ouvida como tal. Não problematizamos a música apenas a partir do registro, a partitura. Adotamos uma concepção de música que



transcende aos cânones tradicionais que se ampara nos fatos que estão prontos e a mão. Nos opomos a antologia cronológica que ignorando o contexto em que foram produzidas, consideram apenas o conjunto funcional de significações musicais.

A paisagem sonora que hora propomos compreender a partir do ambiente da Feira da Panair se efetiva a partir de uma obrigatoriedade biológica, a recepção de involuntária ativa ou não.

Ao contrário de outros órgãos dos sentidos, os ouvidos são expostos e vulneráveis. Os olhos podem ser fechados, se quisermos; os ouvidos não, estão sempre abertos. Os olhos podem focalizar e apontar nossa vontade, enquanto os ouvidos captam todos os sons do horizonte acústico, em todas as direções. (Schafer, 1991, p. 67)

A carência de pálpebras nos ouvidos a despeito dos olhos emerge no sujeito como emaranhado de sonoridades que esclarecem, significam e se relacionam com as práticas corporais desde as mais habituais no cotidiano, as mais elaboradas redes sociais e comerciais detectadas no cenário observado.

O foco do olhar é substituído em homologia pela espacialidade⁴, pelo modo como as variadas camadas de sonoridade se concentram, ou se diluem tornam a cada local da Feira um evento sonoro distinto que é carregado pela corporeidade dos usuários do espaço que são fundados na ambiência sonora promovida pela rádio local propagadas pelos auto-falantes.

O estudo da cultura e da paisagem pautado na paisagem sonora, possível por meio de uma abordagem geográfica humanista-cultural, traz à luz as preocupações com a compreensão de como o indivíduo e o coletivo constroem e concebem o espaço. A paisagem sonora é, dessa forma, apreendida e ao mesmo tempo transformada, diferentemente em cada localidade, em cada grupo, em cada cultura. (Schafer, 1991, p.128)

Na perspectiva do espaço sonoro, nenhum lugar é repetível. Nenhuma cidade soa como outra. Cada local constrói seu processo identitário-sonoro. A Feira tem seu cheiro que é ricamente ornado desde o pitiú às requintadas notas olfativas exaladas pelas plantas aromáticas e frutas perfumadas, a combinação e a recepção olfativa

⁴ Espacialidade compreendida como um dos materiais da música que é o percurso e/ou localização física da fonte sonora, a partir de uma fonte a complexas malhas de sonoridades numa paisagem sonora.



constroem uma experiência sensorial que é geograficamente localizada e que não se isola da visualidade, do tato, do sabor e da sonoridade.

A sonoridade dos passos pesados de pé inteiro dos peixeiros sobre o assoalho suspenso da construção com palafitas, os sons agitados dos abanos sobre as caixas de peixes que afastam os insetos, as chamadas que promovem os peixes à venda, as conversas sussurradas, os ruídos dos motores dos barcos, dos carros e motocicletas. Em todo o corpo é no espaço um construtor, direto ou indireto da sonoridade e especialmente no mundo industrial influem diretamente na construção da paisagem sonora do mundo presente.

O corpo é gerado num complexo fenômeno receptivo que se funda no corpo, age nele, o significa, interage e se transforma esteticamente no retorno para ele. “Ser corpo [...] é estar atado a um certo mundo, e nosso corpo não está primeiramente no espaço: ele é no espaço.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 205). Ser no espaço difere de estar no espaço, no ambiente da Feira o ser no espaço coaduna na construção do espaço. Seus constituintes como o espaço sonoro, significam socialmente os elementos que constroem a sonoridade que conforma o uso do corpo no espaço, o tornando espacialidade, corporeidade e sociabilidade mediados pela sonoridade.

2. Entre corpos e sonoridades

A paisagem sensorial do lugar

Descendo a rua estreita, logo vemos casas bem juntas de madeiras ou alvenaria, bacias de água, roupas secando, pessoas andando na pequena rua. De um lado casas, do outro a feira: o desorganizado a nossa vista torna-se uma organização aos que ali sobrevivem do trabalho.

De frente para rua que dá acesso a outros locais da feira, um mundo se descobre entre melancias, peixes, frutas, rádio, pessoas, carregadores, consumidores do carro mais chique ao carro mais carregado de histórias de subidas e descidas desta rua estreita.

Atrás da feira um horizonte desperta a atenção! Barcos unidos um ao lado do outro, lanchas, carregadores, carros na praia de barro formada pela seca, barcos

encalhados, fedor sim, um pouco. Mas a luz do pôr-do-sol reflete em toda a paisagem vista o real cotidiano de uma “cidade” que nasceu ali.

De onde os barcos vem? Para onde os barcos vão? O que eles trazem e o que levam são histórias de pessoas impregnadas de peixes, peixes de várias espécies desta região. Pessoas que se criaram ali, de outra profissão não vivem mais não, pois são felizes, ah como são!

O cheiro, as cores e os sons que constroem a sensorialidade no cotidiano da feira está impregnado, assim como as mãos do peixeiro com o pitiú, de significados e símbolos de sua vida e de sua cultura. A organização de hierarquias e lideranças; a voz do rádio; os variados gritos de comunicação, são externados pelas vozes, pelos corpos, corpos que falam, que dizem as sensações desta territorialidade mediatizados pelo espaço múltiplo.

A feira de peixe

A feira da Panair foi criada em 1951, situada no bairro de Educandos, é uma das maiores áreas comerciais de Manaus. A área é de longa data explorada comercialmente e tem seu nome do tempo que era usada como aeroporto para os hidroaviões da extinta empresa Pan Air.

Na feira do peixe, uma das mais importantes de Manaus, não tem hora de sono e nem de preguiça, são 24h de venda, de receber o pescado na beira do rio. Existem hierarquias invisíveis ao olhar habitual: a relação de trabalho entre o dono do quadrado e o empregado que vende o peixe, não é aparente, mas há rígidas hierarquias estabelecidas pela força do capitalismo e reiterada no cotidiano.

Figura 1: quadrado de venda de peixe na Feira da Panair

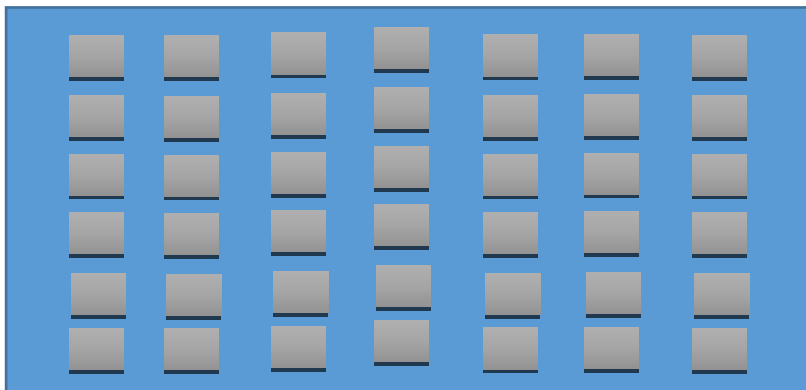


Fonte: Acervo Lucyane Afonso, 2011

São peixes de muitas espécies, dos pequenos ao grande pirarucu, do estranho ao simpático, do liso ao cascudo, do peixe vivo a peixe morto.

São muitos quadrados, 36 dispostos em filas e colunas. Cada quadrado um dono e seu emprego, ou um complexo de quadrados e seus empregados, conforme a figura abaixo

Figura 2: apresentação gráfica dos quadrados de peixe



Fonte: Desenho representativo dos quadrados

Há uma rotina de trabalho que difere do horário comercial padrão, é uma rotina que a especificidade dos ciclos amazônicos estabeleceu: o barco com peixes chega de madrugada, a compra do peixe pelos donos dos quadrados de madrugada, vai amanhecendo e o peixe fresquinho estão dispostos no quadrado para os consumidores antes de amanhecer.

Os sons que se entrelaçam ao pôr-do-sol

“A análise descobre portanto, em cada qualidade, significações que a habitam.”

(MERLEAU-PONTY, 2011, p. 25)

Perceber os detalhes sonoros é mergulhar na corporeidade de como são produzidos. Um som de uma faca, os passos do carregador pisando no piso de madeira,



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



as falas e cochichos silenciosos, a voz da venda, o empregado indignado com o governo, as voltas dadas no quadrado, o som dos peixes vivos e o silêncio dos peixes mortos.

O *gesto*, o único evento, o solo, o específico, o perceptível, e de outro, a *textura*, o agregado generalizado, o efeito salpicado, a imprecisa democracia das ações conflitantes.

Uma textura pode-se dizer que consiste em inúmeros gestos inescrutáveis em massa, ou em formações de cachos. Assim tratamos os eventos sonoros numa textura. (SCHAFER, 2003, p. 247-248)

Estas representações sonoras como gestos ou texturas estão implícitas no fazer do homem, expressando suas ações e corporeidade, como Breton relata que o corpo “é uma falsa evidência, não é um dado inequívoco, mas o efeito de uma elaboração social e cultural” (Le Breton, p.26). A corporeidade dos trabalhadores na feira da Panair também constitui uma elaboração social e cultural, em que este fazer e as sonoridades do espaço são adquiridas por quem pertence àquele espaço cultural e social, logo há uma identificação pessoal e corporal.

Eis um cenário corporal que é transformado em sons e silêncios. Um som de uma faca simboliza toda uma tradição corporal no preparo do peixe, no escamar, na rapidez da mão e na agilidade de ticar o peixe, uma corporeidade passada de geração em geração.

Os conceitos de gesto e textura que se percebe na Feira também podem ser compreendidos na perspectiva fenomenológica de elementar e acontecimento elementar.

O elementar não é mais aquilo que, por adição, constituirá o todo, nem aliás uma simples ocasião para o todo se constituir. O acontecimento elementar já está revestido de um sentido, e a função superior só realizará um modo de existência mais integrado ou uma adaptação mais aceitável, utilizando e sublimando as operações subordinadas. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 31)

Propomos uma leitura poética onde sons pesados dos passos do carregador no piso de madeira simboliza a força, a garra, a energia necessária para resistir ao peso e o calor amazônico. Deve ser forte e os músculos não são malhados na academia, mas no



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



dia-a-dia, na labuta. Caracteriza a rotina da feira, do vai e vem de mercadorias, de peixes frescos, dos barcos que chegam, é a dinâmica social local.

Nas falas e cochichos o corpo relaxa ou tensiona, a depender da situação. Este corpo relaxa na beira do quadrado ou encostado na parede; o corpo abana os peixes e há um fingimento nítido no corpo para se ausentar dos fatos que estão acontecendo; ou este corpo entra em transe, externaliza todas as tensões, angústias, neste caso, “o corpo funciona como se fosse uma fronteira viva para delimitar, em relação aos outros, a soberania da pessoa” (BRETON, 2006, p.30), a catarse é estimulada pela voz que também ressoa de forma agressiva e mostra os problemas reais desse coletivo, desde as formas de trabalho a questões políticas sérias.

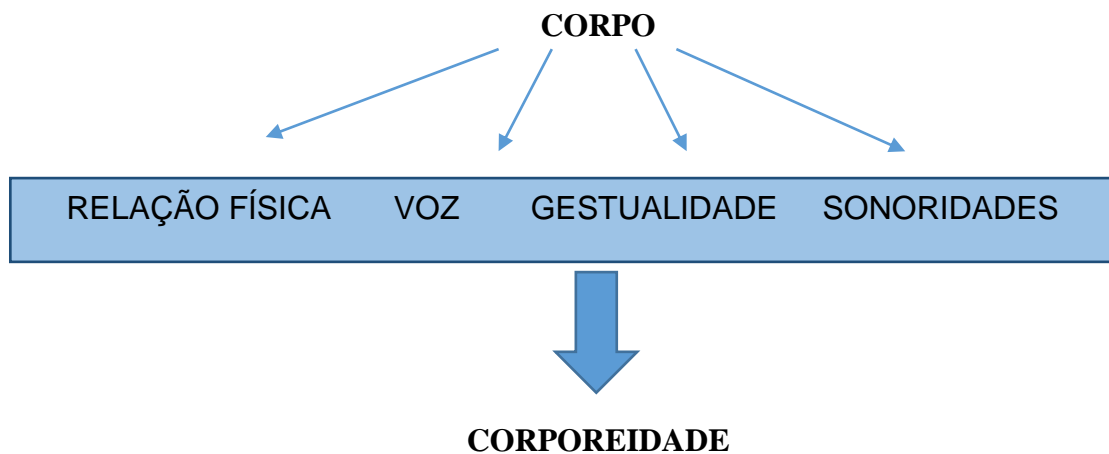
O corpo não existe em estado natural, sempre está compreendido na trama social de sentidos, mesmo em suas manifestações aparentes de insurreição, quando provisoriamente uma ruptura se instala na transparência da relação física com o mundo do ator (dor, doença, comportamento não habitual, etc.). (BRETON, 2006, p.32)

Estas palavras de Breton mostram perfeitamente as relações corporais e sonoras que se estabeleceram entre o vendedor e os pesquisadores João Gustavo Kienen e Lucyanne de Melo Afonso durante a pesquisa para compor este trabalho sobre os trabalhadores na feira de peixes. Este impacto corporal se dá pela forma como nos vestimos, como nos apresentamos corporalmente e sempre há uma comunicação não mediada pela racionalidade cartesiana.

Os materiais que empunhamos (prancheta, papel, caneta) são simbólicos e carregam significação correlata aos representantes de órgãos ou demais setores governamentais e alterou a rotina entre as caixas. Importante ressaltar que naquele momento havia a promessa de entrega de terminal pesqueiro que estava pronto e aguardava inauguração, fato que gerou insatisfação na população local.

Este impacto corporal inconsciente ocorre pela percepção que é demonstrada nas manifestações corporais dos vendedores de peixe e suas sonoridades não habituais, como demonstraram agindo corporalmente de forma agressiva, celere e a voz também carregada de raiva, indignação e angústia.

Figura 3: gráfico de representação da corporeidade



Fonte: Lucyanne Afonso e João Gustavo Kienen

O peixeiro tem no corpo e na voz a paradoxalidade da venda, seu duplo: corpo preparado, exaltado, dotado de movimento e ritmo, sonorizado pela condução vocal, gestual e espacial para as alegrias da venda; tristeza das vazantes, da poluição que promovem o ciclo temporal da escassez e a venda para as relações de exploração do trabalho pelos proprietários dos quadrados. É um trabalho árduo de vida, de sofrimento de um corpo cansado, exausto, mas a recompensa está ali mesmo, nas amizades e no trabalho diário, na recompensa financeira

O QUE FOI PERCEBIDO?

- O corpo que percebe o outro
- O corpo que se movimenta
- O corpo receptivo
- O corpo que desconfia



☐ O corpo que tem voz

A partir da vivência estabelecida, podemos perceber que a corporeidade pode ser percebida pela sonoridade do ambiente e que estas sonoridades e ações corporais fazem parte de seu “repertório de acordo com a sensibilidade e os acontecimentos que marcam sua história pessoal” (LE BRETON, 2006, p.55).

A corporeidade sonora – considerações

A partir de estudos feitos sobre corporeidade, tivemos a intenção de incorporar como a sonoridade faz parte desta paisagem e das ações do corpo. Quando ouvimos determinado som, em nossa mente imaginamos a paisagem e os movimentos produzidos; da mesma forma acontece com os sons que são provenientes dos movimentos e das ações do corpo e de outras fontes sonoras.

A sonoridade representa também uma corporeidade: sons, vozes e corpos se entrelaçam na corporeidade. A relação física que se expressa pela voz e gestos criam sonoridades que simbolizam e representam o ambiente e as ações corporais.

Nesta perspectiva, podemos enfatizar que a corporeidade produz gestos, ações e sonoridades que se relacionam com o ambiente, a cultura e com o homem que o produz, assim a corporeidade pode ser percebida pela sonoridade do ambiente que se molda através dos tempos e das mudanças culturais empreendidas pelas transformações realizadas pelo homem holístico.

Referências

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia Fuhrmann. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

_____. **Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade**. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas-SP: Paipitus, 2003.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. vol. I, São Paulo, E.P.U, Editora pedagógica e universitária Ltda., 1974.



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 4^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

SCHAFER, Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: Unesp. 2003.

TORRES, M. A., KOZEL, S. **Paisagens sonoras: possíveis caminhos aos estudos culturais em geografia** In: R. RA'E GA, Curitiba, n. 20, p. 123-132, 2010. Editora UFPR.